

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ERNESTO SERRANO RODRIGUEZ FILHO

O EMPREGO DA MÍDIA COMO ARMA NA GUERRA IRREGULAR:  
Utilização da mídia pelos contendores da Segunda Guerra do Líbano.

Rio de Janeiro

2015

CC ERNESTO SERRANO RODRIGUEZ FILHO

O EMPREGO DA MÍDIA COMO ARMA NA GUERRA IRREGULAR:

Utilização da mídia pelos contendores da Segunda Guerra do Líbano.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,  
como requisito parcial para a conclusão do Curso de  
Estado-Maior para Oficiais Superiores.  
Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2015

## **AGRADECIMENTO**

A minha querida esposa Pollyanna e às minhas filhas, Ana Catarina e Ana Elise pelo apoio e compreensão durante a elaboração deste estudo e por sempre estarem ao meu lado acompanhando, de maneira entusiasmada, minhas conquistas pessoais e profissionais.

Ao CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, meu orientador, pelas orientações profissionais. Suas observações e apontamentos foram extremamente necessários e úteis à execução deste estudo.

## **RESUMO**

A evolução dos meios de comunicação, principalmente após a segunda metade do século XX, tem impactado diretamente no modo como a informação é gerada e distribuída, alcançando cada vez mais pessoas e de modo mais rápido. Aplicados diretamente aos conflitos armados atuais, constata-se que o controle e o uso da informação originada da mídia têm se tornado valiosos recursos tanto para influenciar a opinião pública e a vontade de combater dos contendores quanto como fonte de dados de inteligência. O presente trabalho tem como propósito o estudo do emprego da mídia no conflito armado entre o Hezbollah e o Estado de Israel ocorrido entre os meses de julho e agosto de 2006, enfatizando sua utilização como veículo de propaganda e fonte de inteligência.

**Palavras-chave:** Guerra Irregular. Hezbollah. Israel. Mídia. Propaganda. Inteligência.

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>BASE CONCEITUAL</b> .....	<b>8</b>
2.1	Sobre a guerra irregular .....	8
2.2	Sobre a mídia e seu emprego na guerra irregular.....	10
2.3	Conclusões parciais.....	13
<b>3</b>	<b>O EMPREGO DA MÍDIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO</b> .....	<b>15</b>
3.1	Antecedentes do conflito.....	15
3.2	A mídia como instrumento de propaganda.....	18
3.3	A mídia como fonte de inteligência.....	21
3.4	Conclusões parciais.....	23
<b>4</b>	<b>CONFRONTAÇÃO ENTRE A TEORIA E O ESTUDO DE CASO</b> .....	<b>26</b>
4.1	Análise dos aspectos da Teoria e a Segunda Guerra do Líbano.....	26
4.2	Conclusões Parciais.....	27
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho será a constatação da importância do emprego correto da mídia como arma na Guerra Irregular.

Esta pesquisa mostra-se relevante a partir da constatação de dois aspectos: a ocorrência cada vez mais frequente de conflitos entre atores Estatais e atores não-Estatais, seja por motivação política (geralmente associada a movimentos separatistas), seja por questões religiosas, principalmente a partir da segunda metade do século XX e notadamente o início deste século; e a crescente velocidade de geração e abrangência de divulgação de informações.

Historicamente, o tratamento correto da informação sempre teve papel decisivo em conflitos armados, seja quando utilizado como recurso de inteligência, seja quando utilizado como recurso para influenciar a vontade de combater dos beligerantes. Outro emprego importantíssimo da informação é, indubitavelmente, seu impacto na opinião pública em diversos níveis.

O propósito da pesquisa será a análise comparativa de como a *Israeli Defense Force* - IDF e o Hezbollah fizeram uso das informações divulgadas pela mídia durante o conflito ocorrido no Líbano nos meses de julho e agosto de 2006, conhecido por basicamente duas denominações distintas: Guerra de Julho, assim chamada pelo mundo árabe, ou Segunda Guerra do Líbano, assim conhecido por Israel, e que como será nominado neste texto.

Pretende-se apresentar ao final desta pesquisa quais foram os principais erros e acertos dos contendores durante o conflito.

O trabalho será apresentado de acordo com a sistemática a seguir: no capítulo dois serão apresentados os conceitos sobre a guerra irregular, enfatizando a forte dependência do movimento insurgente ao apoio popular, de acordo Teoria das Operações de Contrainsurgência de David Galula. Também será apresentada naquele capítulo a importância histórica da mídia nos conflitos armados, destacando a importância da propaganda na guerra irregular.

O capítulo três trará um pequeno histórico sobre as partes beligerantes na Segunda Guerra do Líbano e uma breve descrição dos fatores que originaram o conflito. Serão analisados o emprego da mídia no conflito, destacando-se a velocidade na geração e divulgação das informações e o seu efetivo uso pelos contendores, ora como recurso propagandista ora como fonte de inteligência.

Na sequência, no capítulo quatro será realizada a interação da Teoria à prática do emprego da mídia e sua influência para o resultado do conflito para os dois lados.

Finalmente no capítulo cinco, serão apresentadas as conclusões sobre este estudo.

Passaremos, a seguir, ao capítulo referente à base conceitual da pesquisa. Nele serão apresentadas a conceituação de guerra irregular e será comentada a utilização da mídia nesse tipo de conflito armado.

## **2. BASE CONCEITUAL**

Neste Capítulo serão explanados os aspectos conceituais considerados para o entendimento deste estudo.

Serão apresentadas, desse modo, as definições e aspectos conceituais empregados no estudo.

Passamos a seguir à conceituação de guerra irregular, dita como “a forma mais antiga de se combater, e desde meados do século passado, também, a mais usual” (VISACRO, 2009).

### **2.1 Sobre a Guerra Irregular**

A definição de guerra irregular sofre diversas alterações de acordo com o entendimento de teóricos e estudiosos de conflitos armados. Segundo o Glossário das Forças Armadas, a definição de guerra irregular é

Conflito armado executado por forças não-regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais da guerra regular, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, com o emprego de ações típicas da guerra de guerrilhas. Divide-se em guerra insurrecional e guerra revolucionária (DEFESA, 2010).

Como ponto de início deste trabalho, a definição utilizada sobre o assunto será o conflito armado travado entre um ator/contendor Estatal e um ator/contendor não-Estatal.

Cabe aqui uma pequena ampliação sobre os termos utilizados até o momento. Sobre conflito armado, no caso, a guerra irregular, este poderá ocorrer sobre toda a amplitude de intensidade, excetuando-se, historicamente, o conflito nuclear. Dada a característica desse tipo de conflito, ou seja, entre contendores de “poder” assimétricos, é comum o erro intuitivo inferir que na guerra irregular o contendor “mais fraco” empregará apenas as táticas de guerrilha, enquanto o contendor “mais forte” fará o uso das táticas de combate convencional.



Segundo David Galula, a Guerra Irregular, dada a natureza dos seus contendores, trata-se de uma guerra revolucionária, na qual haverá um grupo insurgente (ator não-Estatal) que inicia o conflito contra o seu antagonista, o contrainsurgente (ator Estatal), em busca do poder pelo uso da força<sup>1</sup>. Segundo o autor, várias características tipificam esse tipo de guerra, dentre as quais destacamos a assimetria dentre os oponentes e a necessidade, quase que vital, de influenciar a população<sup>2</sup>.

Sendo o insurgente o ator deflagrador do conflito, em oposição a uma ordem previamente existente e imposta pelo grupo Estatal, é imprescindível que haja uma ideologia, uma causa forte, que justifique a luta armada<sup>3</sup>.

É somente a partir do momento que o movimento insurgente consegue unir parte da população em torno de uma causa contra o grupo Estatal, que ele poderá desfrutar de seu apoio das mais diversas maneiras, seja pelo recrutamento de combatentes e colaboradores (aqui incluídos os populares que possam fornecer dados de inteligência sobre o inimigo), seja no apoio logístico para se obter, de abrigo e alimentos até a guarda de equipamentos e armas. Uma vez que o insurgente não faz parte de uma força armada regular, o reconhecimento de seus membros fora de combate torna-se muito difícil. O insurgente, que não faz uso de uniformes nem símbolos que o identifiquem, nem tão pouco tem a obrigatoriedade de estar em combate constantemente, acaba por tornar sua “camuflagem” junto à população civil uma grande vantagem (GALULA, 1964).

O apoio da população ao insurgente chega a ser tão importante que sua falta ou diminuição influenciará diretamente no seu sucesso, e será nesse ponto que o contrainsurgente

---

<sup>1</sup> O uso da força no início da “luta armada” é geralmente de baixa intensidade e visa o desgaste político e militar do inimigo, com o propósito dar sobrevida à causa e a futura expansão (VISACRO, 2009).

<sup>2</sup> É importante citar que a influência sobre a população visa obter seu apoio ou, em última análise, que a população não venha a apoiar o opositor, e será obtida pelo consentimento ou no pior dos casos pela submissão.

<sup>3</sup> Cabe a ressalva que a importância da ideologia vai se tornando cada vez menor ao passo que o movimento insurgente ganha poder. De essencial, no início do movimento insurgente e da luta armada, tende a ser delegado a um segundo plano quando a insurgência chega ao poder (GALULA, 1964).

atuará. A amplitude desta atuação sobre a população poderá se dar por meio de um grande espectro de níveis de violência, sendo o mais baixo, ou até inexistente, o uso de propaganda ideológica sobre os benefícios da manutenção da ordem vigente, chegando ao ponto de causar violência intensa direcionada ao povo a título de punição contra os apoiadores da insurgência<sup>4</sup>.

## **2.2 Sobre a Mídia e seu emprego na Guerra Irregular**

Conforme visto anteriormente, o sucesso de uma insurgência está fortemente ligado ao modo como ele influencia a população civil em torno de uma ideologia contrária à ordem em vigor estabelecida pelo ator Estatal. Sem o apoio do povo, ou pelo menos parcela dele, é impossível para o insurgente sequer iniciar a luta armada.

Para o contrainsurgente, o apoio popular não chega a ser essencial como para seu antagonista, porém, na guerra irregular, do mesmo modo que nos demais tipos de conflitos armados é muito útil e desejável. Estudiosos clássicos da guerra como Sun Tsu (544 - 496 a.C.) e Clausewitz (1780-1831) destacam a necessidade do apoio popular, respectivamente, por meio da importância da “mobilização do povo”, diversas vezes citadas na obra do primeiro autor, e pela “Trindade” que leva o nome do segundo autor, que tem “a população” como um de seus lados.

A influência positiva sobre um povo, conforme citado, visa, conquistar, antes de mais nada, a motivação para suportar as dificuldades e sofrimentos impostos por uma campanha militar, tanto pela limitação de direitos civis, pelo racionamento dos recursos quanto pelo fornecimento de familiares para compor as fileiras armadas. Basicamente, esses objetivos não

---

<sup>4</sup> A violência sobre o povo, de modo punitivo contra seu apoio à insurgência, visa desacreditar a causa do insurgente, na medida que desgasta sua vontade de apoiá-lo. Define-se esse tipo de violência como barbárie.

se alteraram desde as épocas vividas pelos pensadores citados. As grandes mudanças ocorreram, porém, nos meios de como alcançá-los.

A mensagem dos líderes, na quais estava impregnada sua ideologia, devia chegar o mais rápido possível ao maior número de pessoas para conquistar a unidade de pensamento, fazendo-os crer em uma causa, unindo-o em torno dela. Justamente nesse aspecto que a evolução dos meios de comunicação foi utilizada com maestria.

Cada vez mais abrangentes e populares, as tecnologias de comunicação foram levando mais rapidamente as informações a quantidades cada vez maiores de pessoas. E assim sendo sua utilização também foi sofrendo evolução.

Se anteriormente as mensagens de um líder visavam a influência positiva sobre seu povo, fazendo-o motivar-se, passa também a ser dirigida contra o povo inimigo com o propósito de influenciá-lo negativamente, fazendo diminuir sua vontade de manter-se em um conflito. Passa-se a atentar para as Operações Psicológicas.

A partir da segunda metade de século XX, os meios de comunicação, em especial o cinema e a televisão levam, a baixo custo, as cenas dos campos de batalha e notícias sobre a evolução das ofensivas, seus sucessos e fracassos. Nos anos 90, especificamente na Guerra do Golfo (1990 – 1991), os conflitos passam a ser transmitidos “ao vivo”, porém de modo quase que monopolizado, uma vez que apenas grandes emissoras internacionais de televisão dispunham de recursos para manter equipes com capacidade de gerar e disseminar informações via satélite.

A guerra passa a ser transmitida, de fato, ao vivo, somente na virada do século XXI, quando a internet, os notebooks, câmeras, filmadoras digitais portáteis, celulares são cada vez mais potentes e baratos, ocasionando a sua popularização, o que acaba por multiplicarem-nos

nas mãos da população mundial. Combinado à crescente onda de redes sociais via internet, a comunicação passa a ingressar em uma nova fase, a era da comunicação digital<sup>5</sup>.

Esse é o ponto crucial para a condução da Guerra Irregular moderna, seja na disseminação da ideologia, cada vez mais reforçada por operações psicológicas, seja na divulgação de informações sobre o inimigo, transformando toda pessoa em uma possível fonte de inteligência.

Ainda sobre a evolução dos meios de comunicação e sua influência na guerra irregular, nota-se que a ela vem atrelada a preocupação de “profissionalização” dos produtos de mídia. Por exemplo, sabe-se que o carisma de um líder insurgente ainda é muito importante para a manutenção de sua causa e isso é explorado atualmente por meio de produções cada vez mais primorosas que visam levar sua imagem e sua voz a cada pessoa do povo. Na verdade, além dessas mensagens, são veiculados produtos midiáticos diferenciados para vários públicos-alvo de modo a influenciar a opinião pública interna, a opinião pública do inimigo e internacional.

É relevante citar que dada a natureza das matérias relacionadas aos conflitos armados ser carregada de violência e das diversas emoções das pessoas diretamente envolvidas, elas são muito rapidamente disseminadas, sendo assim excelentes meios de divulgação.

Outra característica bastante significativa sobre o uso da mídia pelo insurgente é o compromisso que tem com a veracidade das informações divulgadas. Conforme cita GALULA ao explicar o uso da propaganda pelo insurgente,

A assimetria traz importantes consequências para a propaganda. O insurgente, não tendo nenhuma responsabilidade, é livre para utilizar qualquer artifício, ele pode mentir, trapacear, exagerar. Ele não é obrigado a provar; ele é julgado pelo que ele promete, não pelo que ele faz. Conseqüentemente, a propaganda é uma arma poderosa para ele. Mesmo sem uma agenda política positiva, mas

---

<sup>5</sup> A comunicação digital, conforme descrita, tem influenciado também a geração de notícias pelas agências de notícias e grandes emissoras de televisão. A título de conseguir uma maior abrangência e rapidez na geração de notícias, a participação popular, via redes sociais, por meio do envio de textos, imagens ou vídeos é cada vez mais incentivada.

com uma boa propaganda, o insurgente ainda poderá vencer (GALULA, 1964).

Por outro lado, para o contrainsurgente ocorre justamente o oposto. Fortemente ligado a seus compromissos, muitos deles internacionais, o contrainsurgente é obrigado a provar a informação por ele disseminada, sob o risco de ser desacreditado a longo prazo. O emprego da propaganda passa a ser voltado muito mais à informação do que à propagação da ideologia.

### **2.3 Conclusões Parciais**

Conforme apresentado neste capítulo, dentre todas as características da guerra irregular, o apoio popular evidencia-se como o mais determinante para o sucesso de qualquer um dos contendores.

Pelo ponto de vista do insurgente, sem o apoio popular não haverá a possibilidade de abrigo, suplementação logística nem recrutamento. Já pelo ponto de vista do contrainsurgente, obter o apoio popular significa negar ao inimigo as formas de auxílio citadas, o que representa na prática, uma fator de fraqueza para o oponente.

Outro aspecto de grande relevância apresentado neste capítulo é o modo como cada um dos oponentes divulga sua causa. Nesse aspecto, a mídia moderna, plenamente suportada pelos recursos de comunicação da era digital (comunicação por satélites, telefonia digital e internet), torna-se uma ferramenta bastante útil. Seu alcance e popularização fazem que as mensagens e informações sejam divulgadas de maneira democrática, chegando tanto ao povo quanto às elites, de modo cada vez mais rápido.

É importante citar que cada contendor sempre fará de tudo para que a divulgação das informações pela mídia sejam favoráveis para si, e tentarão constantemente fazer com que a balança da opinião pública tenda para o seu lado.

A manipulação das informações, o controle de sua geração e divulgação passam a possuir uma grande relevância, porém, mais uma vez sob óticas distintas entre insurgentes e contrainsurgentes.

Como visto anteriormente, o insurgente não é penalizado por informações que eventualmente não se coadunam com a verdade. A manipulação de informação, desse modo, poderá ser amplamente empregada (GALULA, 1964)

Já para o contrainsurgente, caso insista na manipulação de informações, correrá o risco de ser desacreditado tanto pelo público-alvo pretendido quanto pela opinião pública internacional, uma vez que sendo um ator estatal, possui responsabilidade sobre suas ações.

Pretende-se, no próximo Capítulo, estabelecer a correlação entre as definições vistas até o momento no conflito entre o Estado de Israel e o Hezbollah, especificamente da maneira como a mídia foi utilizada. A maneira como cada contendor se posicionou em relação à utilização da mídia, as vantagens obtidas e as lições aprendidas serão analisadas.

### **3. O EMPREGO DA MÍDIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO**

Neste Capítulo será conduzido o estudo de caso sobre o uso da mídia no conflito armado entre o Estado de Israel e o Hezbollah de 2006, a Segunda Guerra do Líbano.

Para tanto, inicialmente serão apresentadas as condições políticas anteriores ao conflito e as suas possíveis causas, na interpretação deste autor, uma vez que apesar de passados nove anos, ainda não há consenso sobre o assunto.

Finalmente, será apresentado especificamente como a mídia, nos seus diversos veículos, foi utilizada como instrumento de propaganda e como fonte de dados de inteligência.

#### **3.1 Antecedentes do Conflito**

Para se entender as razões que levaram à eclosão da Segunda Guerra do Líbano é imprescindível a contextualização histórica e política vivenciadas pelos atores participantes do conflito. A emboscada do Hezbollah, ocorrida na manhã de doze de julho de 2006, contra uma patrulha israelense, formada por dois veículos blindados, que resultou na morte de oito soldados israelenses e no sequestro de mais dois, não ocorreu por acaso nem se tratou de um erro de cálculo daquele grupo. Inicialmente, os veículos que trafegavam no lado israelense da fronteira foram atingidos por uma armadilha formada por bombas armadas na lateral da estrada (*roadside bomb*) e por rojões disparados por combatentes do Hezbollah. O local da emboscada foi cuidadosamente escolhido, tanto por se tratar de uma depressão no terreno, o que dificultava sobremaneira a ação defensiva, quanto por estar fora da linha de visada dos postos de fronteira israelenses mais próximos (GLENN, 2012).

Sabe-se que o citado conflito foi foco de atenção mundial durante seu desenrolar, tendo inclusive a participação de vários Estados que, por meio de seus diferentes graus de

influência sobre os contentores, tentaram, pacificamente, alcançar o armistício. Por outro lado, também contou com a participação dos antigos inimigos do Estado de Israel, que aliaram-se ao Hezbollah. A título de simplificação, serão tratados nesta seção apenas os fatos diretamente ligados ao Hezbollah e ao Estado israelense.

A criação do Hezbollah ocorreu no início dos anos 80, como instrumento de resistência à presença militar do Estado israelense no território libanês, principalmente no sul do Líbano, ocorrida em decorrência da falta da presença de um governo forte na região. Esta falta de governo ocorreu durante a Guerra Civil Libanesa (1975 – 1990), período em que o país foi fortemente influenciado por diversas potências regionais, notadamente, Síria e Irã.

Cabe citar que foram justamente o Irã e a Síria, inimigos históricos de Israel, os responsáveis pela criação do Hezbollah, sendo o primeiro o grande influenciador ideológico dada a proximidade religiosa entre aquele Estado Islâmico e o sul do Líbano, essencialmente muçulmano xiita. O Irã se encarregou também do envio de assessores militares para a formação de combatentes do Hezbollah e pelo repasse de recursos tecnológicos de comunicação e inteligência ao grupo. À Síria coube o apoio financeiro, o fornecimento de armas e a permeabilidade de suas fronteiras, esta última, essencial tanto para a manutenção do apoio logístico quanto para abrigo e reagrupamento de combatentes.

Apesar do término da Guerra Civil ter ocorrido em 1990, mediante os Acordos de Ta'if<sup>6</sup>, a presença militar israelense no sul do Líbano ocorreu até 2000, quando desgastado pelos frequentes ataques da resistência libanesa e pelo enfraquecimento da opinião pública interna, o governo de Israel decide pela retirada de suas tropas sem, contudo, lograr êxito em exterminar as ameaças contra seu território a partir do Líbano.

---

<sup>6</sup> Os Acordos de Ta'if deram fim à Guerra Civil Libanesa por meio da divisão do poder entre os três principais grupos religiosos existentes no Estado. Dessa maneira, coube ao grupo cristão a Presidência, ao grupo muçulmano sunita a indicação do Primeiro-Ministro e ao grupo muçulmano xiita, a liderança do Parlamento. Além da divisão do poder, também foi acordado o desarmamento do Hezbollah, o que não se concretizou.



A partir do início do século XXI, com a chegada do empresário do ramo imobiliário Rafiq Al Hariri ao cargo de Primeiro-Ministro, é iniciada a modernização do país por meio da reconstrução das estruturas devastadas pela Guerra Civil e o incentivo ao turismo, claramente abalado pela imagem de insegurança e de guerra.

Naquele momento, o questionamento sobre a existência do Hezbollah tornou-se bastante intenso. Apesar de forças políticas internas terem aceitado que o Hezbollah mantivesse suas armas<sup>7</sup>, a invasão israelense no território libanês, principal justificativa para a sua existência, não mais ocorria. Surge então a necessidade de demonstração à sociedade libanesa da sua importância, mostrando-se como grupo bem armado e bem treinado, pronto a rechaçar os ataques do inimigo declarado.

Apesar de não ser o foco deste trabalho, este autor considera que a ação ofensiva do Hezbollah que deflagrou a Segunda Guerra do Líbano, foi precisamente planejada há longo tempo e corretamente orquestrada pela sua liderança. Apesar da resposta israelense ao sequestro de seus soldados ter surpreendido a liderança do Hezbollah pela sua magnitude (GLENN, 2012), tal afirmação deve-se à capacidade de manter-se operando tanto nos combates em terra, dentro do território libanês, quanto nos lançamentos diários de foguetes de curto alcance contra cidades ao norte de Israel.

Por outro lado, o Estado de Israel também se encontrava em uma situação política bastante delicada. No ano de 2005, Israel abandonou, por decisão unilateral, a Faixa de Gaza onde lutava contra o grupo palestino Hamas. Tal decisão, somada a saída do sul do Líbano, ocorrida em 2000, encontrava oposição política interna em Israel, desgastando o governo do Primeiro-Ministro Ehud Olmert.

Era de conhecimento da inteligência de Israel que o Hezbollah iniciaria uma onda de sequestros de seus soldados com o propósito de forçar a troca de prisioneiros.

---

<sup>7</sup> A manutenção de armas pelo Hezbollah deveu-se primordialmente ao receio de um conflito direto com o grupo na tentativa de desarmá-lo, tendo-se vivo na memória a amargura dos tempos de Guerra Civil.

Desse modo, com a provocação de doze de julho, o governo israelense se viu pressionado a tomar uma ação rápida que demonstrasse claramente tanto ao Hezbollah quanto aos seus inimigos históricos (Irã, Síria e o grupo palestino Hamas), que era um Estado forte, elencando como um de seus principais propósitos “restaurar a credibilidade da dissuasão” (CORDESMAN, 2007).

### **3.2 A Mídia como instrumento de propaganda**

Desde a sua criação, o comando do Hezbollah compreendeu que todo o suporte para sua organização apoiava-se nos braços da mídia por ele gerada e divulgada (CHAFIK, 2013). Inicialmente, nos primeiros anos de sua existência, a divulgação do material de propaganda era feito basicamente pela distribuição de panfletos, textos em muros nas ruas e organização de festivais em que os discursos políticos da liderança do grupo podia alcançar um grande número de pessoas. Posteriormente, no final dos anos 80, o Hezbollah cria uma Unidade Militar de Mídia, que acompanhavam os combatentes do grupo em combate, registrando os conflitos para fins propagandistas (HOURI, 2010). É a partir daí que o grupo passa a ganhar de uma maior credibilidade do público em geral, incluindo a população israelense.

O grau de sofisticação do relacionamento do Hezbollah com a mídia é tamanho que o grupo possui desde o final da década de 90 um canal de televisão, Al Manar<sup>8</sup>, e acesso ao editorial de vários jornais impressos tanto no Líbano quanto no exterior, estes últimos voltados à comunidade árabe, principalmente na Europa.

A produção de mídia do Hezbollah passa a ter dois destinatários distintos com mensagens também distintas: o público israelense, que é exposto às cenas de vitórias militares

---

<sup>8</sup> O canal de TV Al Manar possui, dentre seus repórteres, pessoal fluente em hebraico, muitos deles ex-prisioneiros em Israel. Durante o conflito de 2006, era comum a divulgação de vídeos e mensagens na mídia em hebraico para atingir como público-alvo os habitantes das cidades ao norte de Israel, principais alvos do lançamento de foguetes do Hezbollah (CHAFIK, 2013).

do grupo inclusive de ataques aos assentamentos judeus, e o público libanês e árabe em geral, com o propósito de caracterizá-los como vítimas de uma agressão desnecessária. Ao primeiro é passada a mensagem de diminuição de sua vontade de combater, demonstrando claramente que a população será penalizada com a continuação da ofensiva israelense. Ao segundo público, é incentivado o alinhamento à causa do grupo ao fomentar o ódio ao agressor israelense.

Especificamente no tocante à Segunda Guerra do Líbano, a utilização da propaganda foi exaustivamente apoiada na temática da “desproporcionalidade” da reação israelense frente ao ataque do Hezbollah, uma vez que a morte e o sequestro de soldados israelenses não era novidade<sup>9</sup>.

O tema foi amplamente abordado tanto pela imprensa local quanto pela imprensa internacional que fazia a cobertura da Guerra.

Com raríssimas exceções na imprensa ocidental, a exemplo da emissora britânica BBC e das americanas ABC e CNN que mostraram-se “equilibradas” durante toda a cobertura do conflito, a maioria das matérias, fotos e vídeos divulgados pela imprensa internacional, mostrava a devastação e o sofrimento causados pelos bombardeios israelenses no Líbano, apresentando-se claramente tendenciosa e parcial (KALB, 2007).

Pouca atenção foi dada, por outro lado, ao sofrimento da população israelense. Apesar de, ao final da Guerra, ficar claro que os números de mortos, feridos e refugiados do lado libanês foram muito superiores aos números alcançados em Israel, o povo judeu também sofreu bastante, ao ponto de durante o conflito registrar a evasão de cerca de 300 mil pessoas de seus lares para protegerem-se em abrigos subterrâneos para escapar dos foguetes lançados pelo Hezbollah ao norte de Haifa.

---

<sup>9</sup> Esse foi o raciocínio utilizado para a propaganda a favor do Hezbollah e contrário a Israel, sem contudo, considerar as “razões” para os contendores se fazerem à Guerra conforme descrito anteriormente.

É importante citar que para controlar exatamente o material a ser divulgado, o Hezbollah efetuava um rigoroso controle sobre o deslocamento dos jornalistas e o que se podia filmar e fotografar, sob pena de confisco do material jornalístico (KALB, 2007).

O Hezbollah chegou a organizar um “tour” de jornalistas para o registro de áreas destruídas ao sul Beirute, reduto de xiitas partidários do grupo, após os intensos bombardeios israelenses<sup>10</sup>. Os jornalistas eram orientados a apenas fotografar os escombros, de ângulos previamente aprovados pelos seus guias, sem no entanto poder conversar com os moradores. Basicamente, a proibição recaía sobre o registro fotográfico de combatentes da resistência libanesa<sup>11</sup>.

É digno de nota mencionar que as tropas israelenses pouco fizeram para censurar os fotógrafos e jornalistas. Estes dispunham de certa liberdade para entrevistar militares, políticos e populares, e quase que instantaneamente, divulgar suas palavras ao mundo. Havia também a possibilidade de transmissão ao vivo de movimentações de tropas, o que será tratado na próxima seção.

Voltando à questão da “desproporcionalidade” explorada como foi, trouxe um efeito relativamente negativo: o sentimento de “vitimização” do povo árabe (CHAFIK, 2013). Ao mostrar a destruição, a miséria e o sofrimento causado pela ofensiva israelense, a imprensa mais uma vez retratava o povo árabe como vítima a exemplo do ocorrido em outros conflitos árabes-israelenses.

A vitimização causava um grande impacto no ego das nações árabes, principalmente quanto ao questionamento sobre a constatação de que uma nação com apenas

---

<sup>10</sup>O ataque israelense sobre a área residencial ao sul de Beirute deu-se em função de ser lá o local de guarda de veículos lançadores de foguetes utilizados pelo Hezbollah para infringir ataques contra Israel. Cabe a ressalva que sobre o episódio fica clara a violação do Hezbollah ao Protocolo Adicional I a Convenção de Genebra, que trata da proteção das vítimas de conflitos armados internacionais (VISACRO, 2009).

<sup>11</sup>Sob o ponto de vista de quem via as fotografias do conflito, previamente censuradas pelo Hezbollah, a guerra, do lado libanês estava sendo tratada por fantasmas (KALB, 2007).

sete milhões de habitantes pode opor-se ao um povo que somado alcança 350 milhões de pessoas.

O fato é que ao final do conflito, com a retirada das tropas israelenses do território libanês, ainda há debates sobre a vitória de Israel em uma campanha por objetivos militares, uma vez que o principal propósito, a aniquilação do Hezbollah, suas lideranças e seu armamento não foi alcançado. Entretanto, parece haver coro entre os diversos estudiosos desse conflito que o grande vitorioso na batalha pela mídia foi o grupo libanês. Tal afirmação é fundamental para que os analistas e estrategistas israelenses repensem como farão uso da mídia em conflitos futuros.

### 3.3 A Mídia como fonte de Inteligência

Na teoria sobre a Guerra Irregular, foi visto que o apoio externo é de suma importância para o sucesso da insurgência. Para o Hezbollah não foi diferente.

O grupo durante a Segunda Guerra do Líbano teve todo suporte de equipamentos voltados à análise de inteligência originada do Irã. Há relatos de descobertas de bunkers repletos de dispositivos de escuta, computadores e equipamentos de comunicação modernos que continuavam funcionando apesar do bloqueio de comunicações tentado pelos israelenses. Nos bunkers havia instalações de fibra ótica imunes a qualquer tentativa de bloqueio<sup>12</sup> (ESHEL, 2007). A produção de inteligência do Hezbollah, no entanto, foi muito além do *Signal Intelligence* - SIGINT<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Foi comprovado que o equipamento de guerra eletrônica iraniano era o estado da arte na época do conflito, havendo a suposição à época de que o Irã utilizou-o como um campo de provas para aquele aparato tecnológico (ESHEL, 2007).

<sup>13</sup> Segundo a definição do *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*, glossário das Forças Armadas estadunidenses, última atualização datada de 15 de junho de 2015, trata-se da inteligência gerada a partir de sistema de comunicações e de emissões eletromagnéticas do inimigo independentemente de como são transmitidas (DEFENSE, 2010).

Conforme visto na seção anterior, o acesso de jornalistas ao campo de batalha dominado pelos israelenses era extremamente facilitado. Combinado à facilidade para a geração de imagens e sua divulgação via internet, torná-se uma fonte de grande valor sobre o posicionamento do inimigo e suas movimentações:

Mesmo na calada da noite, os âncoras de TV, usando câmeras especiais, estavam em condições de observar os tanques israelenses e soldados que se preparam para cruzar a fronteira para o Líbano e para relatar ao vivo quando a ação começou. Com ondas de blindados israelenses se movendo para o sul do Líbano, as pessoas em todos os lugares, **presumivelmente incluindo o Hezbollah**, podiam ver em suas telas o que estava acontecendo. Este era, afinal, uma guerra que está sendo transmitido ao vivo para todo aparelho de TV e computador no mundo (KALB, 2007, grifo nosso).

Além dessa fonte de informação, de alta velocidade de relativa confiabilidade, houve a divulgação do deslocamento de tropas israelenses via internet por uma fonte que deveria, por força de Mandato da Organização das Nações Unidas – ONU, manter-se imparcial.

Uma das tarefas da *United Nations Interim Force In Lebanon* – UNIFIL<sup>14</sup> é informar a sede da ONU, em Nova Iorque, por meio de reportes diários as movimentações relevantes de tropas de ambos os lados na área de operações de sua responsabilidade. Há relatos de pelo menos três reportes informando o deslocamento de tropas, blindados e artilharia israelense cruzando a fronteira, detalhando os locais de entrada e os horários. Tais informações foram divulgadas sem nenhum recurso de criptografia na página oficial da Missão.

Mais uma vez, é impossível afirmar se o Hezbollah acessou tais informações, porém após a divulgação desses reportes, seguiram-se pesadas batalhas, iniciadas por ataques maciços do grupo libanês.

---

<sup>14</sup> A UNIFIL é uma missão de paz sediada no sul do Líbano, especificamente na cidade de Naqoura, próximo à fronteira litorânea com Israel. Foi criada em 1978, por força de resolução do Conselho de Segurança da ONU, com o propósito garantir a saída das tropas israelenses do território libanês e a desmilitarização da região a fim de evitar futuros ataques ao Estado de Israel a partir de sua área de operações. Em 2006, antes do conflito entre o Hezbollah e a IDF, o efetivo autorizado para a missão era de dois mil militares. Após a Segunda Guerra do Líbano, seu efetivo autorizado passou a quinze mil militares.

Não houve relatos da UNIFIL a respeito da movimentação do Hezbollah durante a Guerra. No entendimento deste autor, tal fato deve-se à impossibilidade de perceber a movimentação dos combatentes libaneses por estarem desenvolvendo táticas de guerrilha, principalmente misturando-se ao povo local.

### **3.4 Conclusões Parciais**

Nos meses que antecederam a Segunda Guerra do Líbano, tanto a liderança do Hezbollah quanto o governo do Primeiro-Ministro israelense Ehud Olmert, recebiam na mesma época, fortes oposições internas em seus próprios Estados.

No Líbano, a existência do Hezbollah era questionada pelos partidos de oposição. Desde o ano 2000, após a saída das tropas da IDF do território libanês, depois de quase vinte anos de ocupação, o Líbano vivia um período de relativa paz e encontrava-se em um acelerado processo de modernização. Para a oposição, o Hezbollah era um obstáculo ao crescimento do país, afetando diretamente os investimentos externos e o turismo. Além disso, existia a contradição entre seu manifesto de criação, que afirmava que o grupo tinha como propósito a expulsão do Estado de Israel do território libanês e o fato de não existir mais a presença nenhuma força de ocupação no Líbano há anos.

Em Israel, após a retirada da tropas da IDF da Faixa de Gaza, ocorrida em 2005, sem a pretendida aniquilação do Hamas, havia críticas sobre a credibilidade do governo israelense em posicionar-se de maneira firme em assuntos relativos à defesa do Estado. É importante lembrar que as críticas também se referiam à retirada do sul do Líbano, anteriormente citada.

Um confronto entre o Hezbollah era naquele momento inevitável. A intenção do liderança do grupo era a provocação de uma reação militar israelense que ajudasse a justificar

sua existência. Porém, a intensidade dessa reação foi claramente subestimada. Apesar de historicamente o Estado de Israel responder de forma enérgica às ameaças a sua soberania, até aquele momento, tais respostas ocorriam de forma pontual. Durante a Segunda Guerra do Líbano, entretanto, viu-se uma imensa mobilização de tropas e equipamentos militares israelenses, bombardeios aéreos intensos que infligiram grande sofrimento à população libanesa e perdas significativas de combatentes do Hezbollah.

Um aspecto muito interessante daquele conflito foi a utilização da mídia por ambos os contendores.

Para o Hezbollah, que assumiu a postura do ator não-Estatal, do insurgente, ficou clara a utilização do recurso da manipulação da mídia com o propósito propagandista. Desde sua origem, o grupo entendia perfeitamente o papel da propaganda como veículo para a divulgação de sua causa. Poucos anos após sua criação, já possuía uma unidade militar especializada na geração e distribuição de imagens que reforçassem seus ideais. Mas foi durante a Segunda Guerra do Líbano, que a experiência nessa área foi provada eficientemente. A imprensa estrangeira mostrava o que interessava ao Hezbollah, isto é, a imagem de um povo árabe vitimado por um de um agressor que fazia uso desproporcional da força.

O Estado de Israel por outro lado não podia fazer uso do mesmo recurso. Entretanto, dispensou pouca atenção ao controle das matérias produzidas em seu território ou a respeito de suas tropas durante o conflito. Tal postura, acarretou na divulgação, em sua maioria, de matérias contrárias a sua idéia-força, de Estado soberano, atacado injustamente por um inimigo não-Estatal, que almejava em última análise, o fim do Estado de Israel.

Outro aspecto importante do uso da mídia foi seu emprego como fonte de inteligência. Conforme visto anteriormente, por não haver controle na divulgação das matérias produzidas em Israel, noticiários informavam constantemente a movimentação de tropas, blindados, peças de artilharia, divulgando de forma clara os locais de entrada no território



libanês e seus objetivos militares. Apesar de não existirem fontes seguras sobre a utilização dessas informações pelo Hezbollah, há relatos de ataques do grupo há unidades militares, em períodos próximos à veiculação de tais informações.

Mais uma vez, o Hezbollah, utilizando-se do recurso da manipulação da informação, não permitiu que seus combatentes fossem sequer filmados pela imprensa estrangeira que cobria do conflito a partir do território libanês, sob o risco de confisco do material gravado e perda do equipamento. Não ocorreram, assim, vazamentos de informações a respeito da localização de posições defensivas, esconderijos de armamento nem futuras movimentações de contingentes.

## 4. CONFRONTAÇÃO ENTRE A TEORIA E O ESTUDO DE CASO

Nesta fase do estudo, passaremos a analisar como a Teoria da Guerra de Contrainsurgência de David Galula, teve aplicação na Segunda Guerra do Líbano, especificamente, em relação aos seguintes aspectos: definição de guerra irregular, sua dependência à causa e ao apoio popular; e o emprego da mídia no conflito.

### 4.1 Análise dos aspectos da Teoria e a Segunda Guerra do Líbano

Veremos em seguida, por meio da confrontação entre a Teoria e sua aplicação no conflito estudado, as razões pelas quais o Hezbollah impediu a concretização dos objetivos estabelecidos pelo Estado de Israel ao iniciar a campanha militar no Líbano, durante os meses de julho e agosto de 2006.

**Guerra Irregular:** não há sombra de dúvida sobre a caracterização da Segunda Guerra do Líbano como esse tipo de conflito armado. Nela encontramos todos os elementos utilizados na definição adotada no capítulo um: o ator não-Estatal, o Hezbollah, movimento insurgente e de menor poder militar, confrontando o ator Estatal, a IDF, e em última análise, o próprio Estado de Israel.

**Dependência à causa:** segundo David Galula, trata-se de um elemento essencial ao movimento insurgente. No caso estudado, ela é claramente representada pela “expulsão do invasor (Estado de Israel) do território, causador de uma resposta desproporcional a uma ação militar”.

**Apoio popular:** outro elemento descrito no modelo teórico, sem o qual a insurgência está fadada ao fracasso. É importante citar que ao início do conflito, o Hezbollah não possuía o apoio majoritário da opinião pública interna. Porém, soube no decorrer do

conflito, influenciar favoravelmente tanto a opinião pública interna quanto internacional conforme será apresentado a seguir.

**Emprego da mídia no conflito:** este aspecto teve a utilização bastante distinta entre os contendores. Pelo lado do Hezbollah, o emprego da mídia foi amplamente ligada à influência da opinião pública local e internacional. Ferramentas como a manipulação das notícias geradas pela imprensa e o controle do material a ser divulgado contribuiu sobremaneira para a criação da imagem de um grupo libertador, quase que heróico, que lutava contra um adversário militarmente mais forte que utilizava sua força de modo desproporcional. Essa foi a idéia forte, a vitimização de toda uma nação frente a um opressor.

A habilidade do Hezbollah foi tamanha que mesmo sendo responsável por intensos bombardeios por foguetes lançados ao sul do Líbano contra cidades como Haifa, e no conseqüente deslocamento de milhares de pessoas de seus lares, tais notícias pouco apareceram.

Já o Estado de Israel não foi eficaz no controle e na divulgação das matérias geradas pelos correspondentes de guerra estrangeiros. Houve pouco esforço na geração de produtos de propaganda ou até mesmo de contrapropaganda feita pelo Hezbollah para o público israelense, habitante do norte do território.

Outra consequência de falta de controle sobre a divulgação de matérias pela imprensa, dessa vez voltada exclusivamente à inteligência, foi a divulgação de informações sobre posicionamento de suas tropas e futuras movimentações. Tais informações também foram divulgadas pela UNIFIL sob forma de noticiários diários a sede da ONU em Nova York, sem contudo, serem protegidas por recursos criptográficos.

## **4.2 Conclusões Parciais**

A intenção desta pesquisa foi verificar a aplicação de determinados aspectos da guerra irregular, especificamente a Segunda Guerra do Líbano, à luz da base conceitual retirada das ideias de David Galula, teórico de conflitos armados que dedicou-se ao estudo da Guerra de Contrainsurgência. Os aspectos citados serão relacionados abaixo:

A “guerra irregular” possui ampla ligação com os demais aspectos analisados. Sua existência é fraca sem o “apoio popular” e sem a “causa”. Soube o Hezbollah, partir de uma condição desfavorável quanto ao apoio do povo, reverter essa situação o que contribuiu para a retirada das tropas da IDF um mês após o início da invasão ao território libanês.

O “apoio popular” tem inegável laço com a “causa”. A causa é originada pela liderança do movimento insurgente e amplamente divulgada para o povo, sempre com a promessa de melhora de sua condição de vida atual. Ao criar a idéia-força de ser o Hezbollah, a força de resistência capaz de expulsar o inimigo histórico, conseguiu angariar a simpatia do povo.

Finalmente, foi o “emprego da mídia no conflito” a liga entre os demais aspectos mencionados. Sabiamente utilizada pelo insurgente, a mídia foi manipulada para a divulgação da causa, para angariar o apoio popular e por fim, como fonte de dados de inteligência.

Quanto a sua utilização pelo contrainsurgente, mostrou-se ineficiente uma vez que não conseguiu disseminar produtos de propaganda relevantes à sua causa.

Passaremos, a seguir às conclusões deste trabalho.

## 5. CONCLUSÃO

A condução deste estudo fez uso do arcabouço teórico extraído da Teoria da Guerra de Contrainsurgência, elaborada pelo estudioso David Galula, confrontado com um conflito armado relativamente recente, a Segunda Guerra do Líbano, ocorrida em 2006, quando o contendor insurgente, impediu que seu oponente, militarmente superior, alcançasse seus objetivos estabelecidos no início das ações.

A intenção da pesquisa foi verificar como as características da Guerra Irregular, especificamente aquelas voltadas à existência de uma causa e a sua disseminação, foram determinantes para o resultado final do conflito. Para tanto, o trabalho foi dividido em três capítulos que abordaram respectivamente, a conceituação teórica essencial ao desenvolvimento do tema, a efetivo emprego da mídia no conflito e por último, a confrontação entre o embasamento teórico e o estudo do caso.

No capítulo referente à base conceitual, ficou evidenciado que o apoio popular é essencial à vitória de qualquer um dos oponentes. Sem ele, para o insurgente não haverá a possibilidade de abrigo, suplementação logística nem recrutamento. Já pelo ponto de vista do contrainsurgente, obter o apoio popular significa negar ao inimigo as formas de auxílio citadas, o que representa na prática, uma fator de fraqueza para o oponente.

Outro aspecto de grande relevância apresentado naquele capítulo é o modo como cada um dos oponentes divulga sua causa. Nesse aspecto, a mídia moderna, plenamente suportada pelos recursos de comunicação da era digital (comunicação por satélites, telefonia digital e internet), torna-se uma ferramenta bastante útil. Seu alcance e popularização fazem com que as mensagens e informações sejam divulgadas de maneira democrática, chegando tanto ao povo quanto às elites, de modo cada vez mais rápido. Importante citar que o tratamento dispensado à informação é diferente para cada um dos contendores. Enquanto a manipulação

da mídia é possível para o insurgente, para seu opositor, tal recurso ocasionaria a perda de credibilidade e conseqüentemente do apoio pretendido.

No capítulo seguinte, foi verificado que um confronto entre o Hezbollah e o Estado de Israel era naquele momento inevitável. Tanto a liderança do Hezbollah quanto o governo do Primeiro-Ministro israelense, Ehud Olmert, sofriam críticas internas em seus próprios Estados. O Hezbollah, estava pressionado por seus opositores que questionavam sua existência. O governo israelense era questionado pela sua postura frente às ameaças ao Estado, consideradas brandas. O conflito foi o modo que os contendores encontraram de calar seus opositores.

Também no capítulo foram apresentadas as maneiras como a mídia foi empregada por ambos os lados, tanto no tocante à disseminação da causa, fazendo pender a balança da opinião pública, quanto como fonte de inteligência. Nesses aspectos, ficou claro que o Hezbollah soube melhor empregar esse recurso, seja no controle da distribuição de matérias que lhe favorecessem perante à opinião pública, seja no possível emprego de informações sobre o inimigo, amplamente divulgadas pela imprensa internacional por meio de correspondentes de guerra.

No último capítulo foram apresentadas as confrontações entre a teoria e a prática, evidenciando a relevância dos aspectos teóricos estudados para que o insurgente obtivesse as condições mais favoráveis ao final do conflito.

Concluindo esta pesquisa, verificamos que apesar de a primeira agressão ter partido do Hezbollah contra do Estado de Israel, em meio a inúmeras críticas sobre a necessidade de sua existência, a divulgação de uma ideologia forte, reverteu o apoio popular ao seu favor. Para isso foi destacado o emprego da mídia como instrumento propagandista. Israel, por sua vez, não investiu recursos no controle da mídia nem em operações psicológicas que o favorecessem no território libanês. A opção israelense de lançar-se a campanha militar intensiva com o

propósito de obter seus objetivos rapidamente, foi explorada pelo inimigo como sendo desproporcional.

Concluindo a presente pesquisa, verificamos que os aspectos da Teoria da Guerra de Contrainsurgência estudados encontraram pela aplicação na Segunda Guerra do Líbano, sendo que o apoio popular mostrou-se extremamente decisivo. É interessante citar que o conflito ocorreu em um período relativamente recente, sendo os recursos de mídia e de comunicação utilizados à época muito semelhantes aos disponíveis atualmente.

Ficou claro que o contendor que melhor explorou esses recursos conseguiu melhor vantagem sobre seu oponente. Desse modo, sendo a Guerra Irregular a forma mais comum de conflitos armados na atualidade destaca-se a importância das forças armadas convencionais investirem na pesquisa de técnicas que possibilitem o correto emprego da mídia em seu favor.

## REFERÊNCIAS

- CHAFIK, Nadine. Hezbollah – the Paradoxo of Influence. *Salus Journal*, Sidney, v. 1, n. 1, p. 2-18, 2013. Disponível em: <[http://www.salusjournal.com/wp-content/uploads/sites/29/2013/03/Chafik\\_Salus\\_Journal\\_Issue\\_1\\_Number\\_1\\_2013\\_pp\\_2-18.pdf](http://www.salusjournal.com/wp-content/uploads/sites/29/2013/03/Chafik_Salus_Journal_Issue_1_Number_1_2013_pp_2-18.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- CORDESMAN, Anthony H. *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2007. 169 p.
- DEFENSE, Department of. *JPI-02: Dictionary of Military and Associated Terms*. 8 nov. 2010. 267 p. Disponível em: <[http://www.dtic.mil/doctrine/new\\_pubs/jp1\\_02.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf)>. Acesso em: 05 ago. 2015.
- DEFESA, Ministério da. *MD35-G-01 (4ª Edição/2007): Glossário das Forças Armadas*. Brasília: 22 fev. 2007. 274 p.
- ESHEL, David. Hezbollah's Intelligence War. *Defense Update*, Qadima, 14 jun. 2007. Disponível em: <[http://defense-update.com/20070614\\_lebanon\\_war\\_1.html#.VcT11TZRHIV](http://defense-update.com/20070614_lebanon_war_1.html#.VcT11TZRHIV)>. Acesso em: 03 ago. 2015
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.
- GLENN, Russel W. *All Glory is Fleeting: Insights from the Second Lebanon War*. Santa Monica: RAND Corporation, 2012. 97 p.
- HOURI, Walid El; SABER, Dima. Filming Resistance: a Hezbollah Strategy. *Radical History Review*. New York, Winter 2010, n. 106, p. 70-85, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8267578/Filming\\_Resistance.\\_A\\_Hezbollah\\_Strategy](https://www.academia.edu/8267578/Filming_Resistance._A_Hezbollah_Strategy)>. Acesso em: 03 ago. 2015
- KALB, Marvin; SAIVETZ, Carol. *The Israeli-Hezbollah War of 2006: The Media as a Weapon in Asymmetrical Conflict*. In: U.S.-ISLAMIC WORLD FORUM, 1., 2007, Doha. Cambridge: Shorenstein Center on the Press, Politics and Public Policy, 2007. Disponível em: <[http://www.brookings.edu/~media/events/2007/2/17islamic-world/2007islamforum\\_israel-hezb-war.pdf](http://www.brookings.edu/~media/events/2007/2/17islamic-world/2007islamforum_israel-hezb-war.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2015.
- VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 384 p.